

«O Estado é resignado em relação aos desempregados»

«A tirania do desemprego» foi objecto de um trabalho de investigação de Pedro Araújo. O sociólogo diz que o mercado de trabalho torna-se «hostil para pessoas com mais de 40 anos» e que o Estado revela-se «impotente» para oferecer soluções e encontrar respostas

ISABEL GUERREIRO

O trabalho estrutura a nossa vida, o quotidiano, os nossos sonhos e projectos». Mas quando o trabalho chega involuntariamente ao fim a pergunta que surge é: e agora?

As vivências de quem perdeu o emprego que parecia seguro e o «desmoronar da certeza de uma vida profissional que deveria ser sem percalços» são analisadas no novo livro de Pedro Araújo, investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (UC).

A obra «A Tirania do Presente. Do trabalho para a vida às incertezas do desemprego», foi lançado este mês pela editora «Quarteto» e reflecte as experiências «trágicas e traumáticas» dos desempregados da antiga cerâmica «Estaco», na Pedrulha, Coimbra. A empresa faliu em 2001 e na altura do fecho empregava 230 pessoas. A maioria não voltou a encontrar emprego ou reformou-se.

A «Estaco» funcionou durante mais de 70 anos. Empregou milhares de pessoas, muitas da mesma família. O seu encerramento representou «uma traição à fidelidade que sempre lhe votaram os trabalhadores», recorda o sociólogo.

O objectivo da investigação foi olhar para as vidas por detrás dos números, como nos conta o seu autor. «Estamos habituados a lidar com as estatísticas do desemprego, mas esses números não dizem nada sobre a completa instabilidade e incerteza com que as pessoas (desempregadas) vivem».

A falência da «Estaco» surge, num momento crítico da vida daqueles trabalhadores. «Uns são velhos de mais para arranjar trabalho outros novos de mais para a reforma», sublinha.

São vários os estudos que mostram, que os 45 anos constituem o ponto de viragem no comportamento do mercado de trabalho face ao recrutamento, e que os adultos de

meia-idade representam o grupo que maiores dificuldades encontra para ultrapassar uma situação de transição nos seus percursos profissionais.

«O maior drama é de facto a perda de emprego no momento da trajectória de vida entre os 40 e 45 anos, sem perspectivas para o futuro e sem bases no passado que sustentem o presente», refere. A idade e a especialização desta mão-de-obra na indústria cerâmica foram assim alguns dos obstáculos à sua reintegração no mercado de trabalho, explica.

«Fala-se muito no drama do desemprego jovem e na dificuldade de sustentar carreiras estáveis mas o caso da falência da «Estaco» representou um choque já que o desemprego adquiriu uma realidade que não fazia parte da equação», destaca.

Para Pedro Araújo, o discurso do fim do trabalho para a vida e o conceito do trabalhador criativo não se aplicam a todas as faixas da população. «Querem-nos fazer passar uma mensagem para a qual a realidade do mercado do trabalho português ainda não está prepa-

rado, como seja o envelhecimento activo».

Milhares de deslocalizações e encerramentos

A «Estaco» foi uma das fábricas que contribuiu para engordar o número de falências registado em Portugal. O cenário repete-se de norte a sul do País e segundo o Instituto Nacional de Estatísticas (INE) nos últimos seis anos encerraram mais de 65 mil empresas. Estimativas mais preocupantes são reveladas pela Associação Nacional das Pequenas e Médias Empresas (ANPME), que apontam para o fecho de 50 mil PME só no ano passado.

No momento em que o desemprego atingiu um dos valores mais elevados dos últimos 20 anos, a deslocalização das multinacionais agrava o panorama ao transferir a sua produção para outros países com o custo da mão-de-obra mais baixo, designadamente Ásia e África. Em apenas oito anos as multinacionais deixaram um rasto de cerca de 20 mil desempregados.

No caso dos trabalhadores da «Estaco» verificou-se que as pessoas ficaram completamente desprovidas de meios para sobreviver e completamente dependentes do Estado, «situação inédita para elas, pois estavam habituadas a viver do seu trabalho», retrata Pedro Araújo ao assegurar que os funcionários queriam «por tudo» regressar ao mercado de trabalho.

Será que as estatísticas de desemprego são reais?

■ Segundo o INE, a taxa de desemprego em Portugal nos primeiros três meses de 2008 fixou-se nos 7,6 por cento, o que corresponde a 427 mil indivíduos desempregados.

Mas para o investigador Pedro Araújo era imprescindível saber se as estatísticas estão a reflectir aquilo que são hoje os números do desemprego. «Haverá mais desempregados do que aqueles que estão inscritos e registados nos Centros do Emprego e no INE», diz ao colocar a questão: «será que os números apresentados correspondem à realidade laboral?»

Também novos dados do INE revelam que são cada vez mais os portugueses que têm, não uma, mas duas ou mais actividades. Na maior parte dos casos, não por gosto, mas por necessidade, para compor o orçamento ao final do mês.

No primeiro trimestre deste ano, eram 339,3 mil os portugueses que possuíam mais do que um trabalho, ou seja, mais 7,5 por cento do que no período homólogo do ano anterior, situando-se a um nível historicamente elevado.

Na actual série do INE (desde 1998), nunca se registou um valor tão alto num primeiro semestre e, levando em conta os outros períodos do ano, só em 2003 (no segundo trimestre) é que se registou um número mais elevado (343,1 mil).

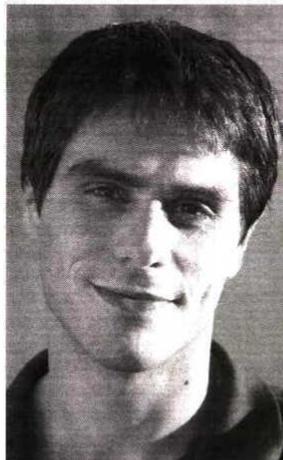


A cerâmica «Estaco» faliu em 2001 e na altura do fecho empregava 230 pessoas. A maioria não voltou a encontrar emprego ou reformou-se

Entende ainda que naquela situação específica houve uma dependência «legítima» a partir do momento em que trabalharam 20 a 25 anos no mesmo local, fizeram os devidos descontos, e «era natural» que houvesse um retorno por parte do Estado. «Acontece que o mercado de trabalho torna-se hostil para pessoas com mais de 40 anos e o Estado também não consegue dar respostas acabando por ser impotente».

«Estado deve ter mecanismos céleres de intervenção»

Recusa falar das políticas sociais implementadas pelo Governo socialista mas cita o caso da multinacional «General Motors», que foi condenada a devolver ao



«Quanto mais altos são os números de desemprego maior é o medo do desemprego e este cenário faz baixar a contestação, contribuindo para o ambiente de resignação também por parte dos desempregados», refere Pedro Araújo

Estado português cerca de 18 milhões de euros por ter encerrado a Opel da Azambuja, um ano antes do previsto. Defende que quando uma empresa perspectiva o encerramento e começa a «cambalear» «o Estado tem de ter mecanismos mais céleres de reacção e de intervenção».

Aproveita também para criticar: «O Estado é resignado em relação aos desempregados, que ultrapassaram uma determinada faixa etária, e não consegue oferecer soluções. Mesmo quando esta resposta existe, tratam-se de empregos precários e desajustados à realidade laboral daquelas pessoas».

«Quanto mais altos são os números de desemprego maior é o medo do desemprego e este cenário faz baixar a contestação, contribuindo para o ambiente de resignação também por parte dos desempregados», acrescenta.

As conclusões agora publicadas resultam do trabalho de investigação realizada no seguimento da dissertação de mestrado, apresentada em 2006, à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC).

Para finalizar, Pedro Araújo relata o cenário que encontrou no dia 25 de Outubro de 2005, quatro anos depois do encerramento da fábrica. «Nestes últimos anos, a fábrica foi-se tornando irreconhecível. A maquinaria foi removida, as instalações esvaziadas e, nalguns casos, vandalizadas (...) Olhei para o lado e, não muito longe dali, estava a «Triunfo». Outra fábrica, agora, vazia e silenciosa. E isso fez-me pensar sobre onde estariam os seus fantasmas. Estes e todos os outros de outras tantas fábricas e empresas que, quando encerram, por breves momentos ocupam a primeira página dos jornais para imediatamente desaparecerem».